



SE É O QUE SE FALA? LINGUAGENS E PERFORMATIVIDADES DOS FAZERES ARTÍSTICO-DOCENTES

IS IT WHAT IT SPEAKS? LANGUAGES AND PERFORMATIVITIES IN ARTISTICAL-TEACHING DOINGS

Ingrid Lemosⁱ

PPGArtes/UERJ

João Gabriel da Silva de C. Moreiraⁱⁱ

PPGArtes/UERJ

RESUMO

O presente trabalho introduz a interação contínua entre linguagem e cultura, ressaltando a influência mútua entre palavras e a percepção da realidade. Destaca-se a prática artístico-docente como um espaço onde linguagem e teatralidade se entrelaçam, transformando a sala de aula em um palco vivo e mutável. Enfatiza-se, principalmente, a relação do corpo do professor em seu ofício, através do limiar poético e outros estados de presença, como forma de transformação e reimaginação de sua própria prática, a fim de transcender o caráter tradicional educativo.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem. Teatralidade. Presença. Arte-educação. Prática docente.

ABSTRACT

This paper introduces the ongoing interaction between language and culture, emphasizing the mutual influence between words and the perception of reality. It highlights the artistic-teaching practice as a space where language and theatricality intertwine, transforming the classroom into a living and changeable stage. Particularly emphasized is the relationship of the teacher's body in their profession, through the poetic threshold and other states of presence, as a means of transformation and reimagination of their own practice, in order to transcend the traditional educational character.

KEYWORDS

Language. Theatricality. Presence. Arts Education. Teaching Practice.

Como seres histórico-sociais estamos em um constante processo de transformação na relação com os outros. Nós, agentes na vida, a preenchemos de sentidos como processo de subjetivação e de ser e estar no mundo. E por quê não revisitarmos aquilo que nos nomeia e, por certo, nos define enquanto atores sociais? Nos interessa o



pensamento sobre a linguagem e a enunciação na constituição daquilo que somos e de nossas capacitações.

Enquanto sujeitos mutantes no tempo, somos atravessados pelas palavras que trazem consigo a sua força em nossas histórias. Cada palavra grafada marcada por seus sentidos acumulados no tempo, nos fazem refletir sobre seus usos e nos condicionam a atitudes e posturas em relação a elas. Alguns fatores fazem com que esse jogo incessante entre significantes e significados aconteça, e ambos giram em torno do efeito de contenção que, corriqueiramente, se quer ter com a linguagem nas efêmeras temporalidades presentes.

Assim, por vezes queremos, com as palavras, mantê-las com novos sentidos ou queremos extirpar de vez de nossas bocas, pois já não significam o que significaram e acabam perdendo sua ressonância com o presente. Pode-se até mesmo, também, resgatar aquelas deixadas perdidas.

Estamos sempre precisando cambiar de palavra ou de sentido da palavra já empregada para dar conta de dizer o que se quer dizer no agora. O que se relaciona em muito com a faceta mais pragmática da linguagem, que é a comunicação cotidiana, na qual a infinita significância no tempo presente de cada palavra impossibilitaria as ações mais basais.

Por outro lado, esse movimento incessante das palavras em nosso uso, não se trata apenas de um efeito colateral da linguagem como meio de comunicação, muito menos dela como representação de uma essência da realidade. Diferente disso, é através da linguagem humana que é possibilitado uma das manifestações que amparam o que convencionamos chamar de realidade para a nossa espécie.

Entretanto, habitar nesse real só acontece mediante o recolhimento do mundo pela percepção pronunciada naquilo que constitui nossa linguagem: em palavras. Em geral, se nomeia aquilo relevante culturalmente, tornando-o perceptível para si e para o coletivo esse tal elemento do real nomeado. “O homem cria-se de boca ao ouvido. [...] A boca vai nomear aquilo que vê, aquilo que trouxe ao mundo. A imagem é o solo natal da palavra” (MONDZAIN, 2015 p. 56-57). Aquilo que não é nomeado por não ser



imaginado, concebido, por vezes, se torna imperceptível e incomensurável para o existir. Ou seja, inexistente.

No território brasileiro da invenção de si como Estado-nação, culturalmente, lidamos com a palavra, a linguagem e o dar nome a algo por meio da base filosófica ocidental. A maneira de perceber o mundo pela estrutura da filosofia se baseia em princípios cosmogônicos europeus, advindos de uma base greco-romana investida e assimilada por uma moral judaico-cristã. Através da colonização europeia nas Américas, a partir do século XVI – justamente quando estava em voga retomar tais preceitos filosóficos helênicos – que nos impuseram tal estrutura da filosofia, e que se perpetua até hoje naquilo que nos constitui em nossa subjetividade cultural.

No entanto, povos originários dos territórios da África, América, Ásia e Oceania têm outras palavras próprias, para além das tradutibilidades, para definir suas respectivas formas de pensamento. Então criam, a partir de vivências, escritas e oralidades, formas de subsistir: os seus discursos fazem existir o próprio tempo e espaço de seus pensamentos.

Tomemos como exemplo a relação de palavra dentro de outras culturas. De uma presença imensa na cultura yorubá, a palavra e tudo aquilo que proferimos, carrega "Àṣẹ", a energia vital primordial. Em uma dimensão ético-moralⁱⁱⁱ da cultura yorubá, para estar alinhado com essa determinada energia vital, é importante articularmos verdades com nossas palavras, a fim de preservar o conceito de Ìwà-pelè (o bom caráter). A palavra, quando expressa através de nossas gargantas, carrega o ar de nossos pulmões. O ar e nosso hálito são matéria vital do sopro de Olódùmarè^{iv}.

Outro exemplo epistemológico de princípio na relação entre os humanos e as palavras, dá-se na medicina tradicional chinesa. Nela, a palavra enunciada carrega como princípio o "Qi"^v, a base de todos os fenômenos do universo (MACIOCIA, 2019).

Tais exemplos nos servem para pensar esse caminho sobre o uso das palavras e suas ressignificações, na definição do que percebemos como nossos ofícios. Se pensamos nos nomes arte, profissão, educação e suas derivações, para nós e aqueles mais que estão envolvidos com o universo de sentidos compreendidos por



tais palavras, não parece ser inconcebível esse cuidado no estabelecimento dessa relação entre o que se diz com o que se é.

Nos interessa refletir a partir da clausura dos sentidos, dos vocábulos usados que permeiam os nossos ofícios, sobre como movimentamos os nossos fazeres no mundo. Como transmutar a discussão linguística para os sentimentos de uma prática docente e em artes, como forma de preservação e manutenção de nossa própria vitalidade.

O nicho ecológico de cada signo semântico

Cada signo de sentido em nossa língua tem seu próprio lugar ao sol. À medida que o tempo passa, a teia de relações entre as palavras se reestrutura por meio das pressões seletivas da ordem do uso. Como em uma biosfera^{vi} semântica, cada palavra é uma espécie, e cada palavra tem seu nicho ecológico como o papel que cada uma ocuparia e exerceria no conjunto geral, a partir de uma relação estreita entre o seu modo de vida (na boca e ouvidos) de seus emissores e receptores, com os impactos diretos e indiretos em toda a estrutura do meio ambiental que é a linguagem.

Artista, professor, educador. Para solucionar algumas ausências e somar sentidos, nas razões gramaticais na língua portuguesa, utilizamos o hífen: artista-professor, professor-artista, artista-educador, arte-educador, etc. Porém, se existem tantas terminologias como essas mencionadas, e tantas outras mais, será que elas respondem sobre como atua um professor de artes? E que também é artista? Para lidar com algumas inconsistências, contradições e incertezas que a nomeação por união de sentidos traz, apesar de muito malabarismo gramatical, podemos assumir os abismos.

Ou nem tanto. Como colocado por Basbaum (2013), quando o artista indaga a natureza e sua função como artista, chama-se “artista-etc”. Um gesto simples, mas que pressupõe grande movimentação. O sentido poético também pode expandir aquilo que a própria linguagem e definição limitam. Deste modo, interpela-se sobre a natureza de um pressuposto professor-etc: todo professor é artista?



Nos Estados Unidos há uma denominação aos artistas profissionais que também seguem carreiras em atuação docente nas artes: o teaching-artist. Porém, se a própria definição de arte é uma questão de linguagem, não poderia ser tão distante a problemática para a definição dos ofícios intermediados a partir da prática artística e pedagógica, onde em primeira instância, a língua inglesa pode nos dar uma sugestão de construção idiomática da profissão artística-docente.

Ao ir cercando e permeando as infinitas possíveis figuras docentes na busca de alguma que se dedica à condução e partilha dos saberes, movimentando conhecimento, cabe indicar uma definição de figura. Essa, vinda diretamente do lido do teatro, compreende-se como aquilo que “designa um tipo de personagem sem que seja precisado de que traços particulares essa personagem se compõe”, constituindo a figura como “uma forma imprecisa que significa mais por sua posição estrutural que por sua natureza interna [...]” (PAVIS, 2015, p. 167). Sendo assim, que tipo de ser impreciso seria o professor?

Existe uma certa figura de professor bem difundida no imaginário de um senso comum: compartilhador de conhecimentos, informador, o herói da nação, o salvador das vidas precárias, transformador da sociedade, inspirador de sonhos, guerreiro, professor por amor. Uma romantização que, por vezes, se contradiz com o cotidiano e a precariedade que envolve o trabalhador docente. O adoecimento do professor da educação básica do Brasil envolve estatísticas alarmantes, principalmente em relação ao sofrimento psíquico. O corpo docente é um corpo doente?

Precisamente, as figuras que remetem ao professor, e todo o imaginário que o cerceia são legítimas, pois nos ajudam a pensar para além dos estereótipos e nos encaminham para um lugar de reflexão da docência e seu manejo. Disto, podemos dimensionar o corpo do professor em sua dimensão de cuidado, através de formas que possam desobstruir a parcela opressora nessa incumbência. A poetização, entretanto, nos orientará como uma bússola ética para uma prática libertária, agora não somente para o corpo escolar, mas também para o corpo do professor.

De que formas podemos investigar o corpo docente dentro de sala de aula, e do seu fazer poético, e sobretudo, quais maneiras o fazer artístico nos contribui a poetizar



nossa prática docente, indo além do senso comum? Nosso pensamento caminha para refletir sobre a docência e a arte como modos de existência no presente. Disciplinarmente, as artes visuais, se aproximam com as intenções de poética, o qual de maneira alguma não possa se difundir em uma abordagem interdisciplinar com outras áreas do saber.

A função poética, dentro da linguagem, é assimilar várias figuras de linguagem, onde se possam transmitir as ideias que transcendem os sentidos literais da palavra. A função poética, dentro das artes visuais, é valorizar essas mesmas ideias, porém expressá-las através de imagens. Tais expressões podemos subverter ao corpo e sua presença docente.

Estar em sala de aula, em todo o momento nos convida a estados de presença. Nos interessa olhar para a performatividade do professor nesse cotidiano escolar, disperso, difuso, multifatorial e multintencional.

Professor: um papel?; um corpo-modelo?; um corpo propositivo?

Sala de aula: espaço-tempo fracionados, limitados e rígidos, nos quais um professor deve desdobrar a sua prática por meio da lente do campo em que a sociedade a autorizou a se manifestar; espaço-tempo segmentado e restrito, nos quais os alunos devem absorver acriticamente e passivamente o que é enunciado pelo professor. Essa é uma imagem bem comum: corpos estanques e cristalizados.

Se pensarmos a norma nos termos da língua e das instituições educativas, permanece a sensação que a relação de transmissão, a língua da passagem de uns aos outros, ou evita a excepcionalidade – que é outro modo de dizer exclusão – ou convida a se somar a uma ordem preestabelecida – que é outra maneira de dizer inclusão. Fora dessa fórmula, permanece apenas o radicalmente bizarro ou exótico, o completamente estrangeiro a toda noção de convivência. (SKLIAR, 2019, p. 53)

Tal percepção resumida por Carlos Skliar, no trecho acima, aponta para uma falta grave de observação e crítica da realidade socio-educacional, e que reitera a tendência de contenção semiótica impossível.

Se o que se concebe no interior das instituições educativas é um "estar juntos" sem percalços, perderemos o mais essencial da vida em



comunidade: uma tensão incessante entre identidades e diferenças, a pluralidade de formas de vidas, a possibilidade de transformar certas existências em outras e, o mais importante, o perceber que não há destinos traçados de antemão e que, possivelmente, as escolas sejam o único e último lugar onde, para muitos indivíduos, põe-se em jogo a invenção de outra linguagem e a concretização de destinos diferentes. (SKLIAR, 2019, p. 52)

Confabulamos sobre os estados de presença em sala de aula. E se falamos do corpo do professor, é por percebermos nele o destaque fundamental para destituir a presença rígida que nos é imposta. Apesar das circunstâncias institucionais e burocráticas em que a educação enquanto prática social se encontra, o professor é o cocriador de sua própria revolução.

Como forma de descentralizar a imagem do produtor e pensador utilitarista, e também do professor reconhecido como figura representante dos saberes hegemônicos, olharemos para a figura do xamã, no lugar de intersecção, para pensarmos uma presença educadora onde as unidades entre poetizar, arte, as ritualidades cotidianas e a própria vida não se separam.

O xamã é a pessoa dentro de uma comunidade indígena que é responsável pelo intermédio entre o mundo espiritual e terreno, por sustentar as tradições cosmológicas de suas respectivas etnias, e por perpetuar a comunicação simbólica entre suas comunidades. Será este lugar do xamã como intermediador e preservador da fala sensível, que nos aponta caminhos de possibilidade para nos percebermos nesse lugar composto das performances professorescas e artísticas.

Nesse “lugar-entre” seria o campo escolar um lugar paralelo aos templos espirituais, onde o professor é o seu xamã? Seria a prática pedagógica a máxima de uma prática artística? O professor, afinal, é esse ator/performer/xamã?

Subentendo as intersecções entre teatralidades e ritualidades, a professora e teórica bell hooks (2013, p. 21-22) vai afirmar que ensinar é um “ato teatral”. Há algo desafiador neste termo utilizado por ela, pois o ato de lecionar é um suprasumo de realidade, de encontro e de vida, uma forma de descentralização das hierarquias do saber.



Quando começamos a falar em sala de aula sobre o corpo, sobre como vivemos no corpo, estamos automaticamente desafiando o modo como o poder se orquestrou nesse espaço institucionalizado em particular. [...] (HOOKS, 2013, p.183)

Pensaremos a partir das performatividades e teatralidades, modos de insurgir esses outros estados de presença, que nos convida a olhar o nosso manejo corporal dentro de sala de aula. J.L. Austin (1962) diz que atos de fala são atos de performance, pois a linguagem também é compreendida como um campo de ação e gerador de conflitos entre as disputas de significado.

Nisto, explicita as relações intrínsecas entre lecionar e a dinâmica da teatralidade, no qual o professor entra como um catalisador e conclama os presentes e entende que para a prática de lecionar acontecer, é necessário o aspecto teatral, no sentido de trazer caráter de encantamento em sua abordagem na sala de aula. Existe então uma artesanaria em lecionar, onde o professor é artista de sua “obra-prima” pedagógica, eis a sua poética.

Poetizar a docência se aproxima com os ensejos de uma “estetização do mundo da vida” (HERMANN, 2010). Para Nadja Hermann, a experiência humana é potencializada pela imaginação e pela indeterminação. Entre os limiares entre arte e educação, ou a arte e a vida, talvez não se encontrem diferenciações. Pois o professor de artes, sobretudo, é um contra-sistematizador da arte, convocador das experiências estéticas, um entusiasta da criação da relação íntima entre pessoas e imagens, onde essas também possam se tornar agentes de expressão estética e realização pessoal.

Ética e estética não podem ser reduzidas uma à outra nem deve ser construído um abismo intransponível entre elas. A experiência estética pode nos auxiliar para uma contínua reconstrução da experiência, produzindo um ethos sensível, que reconheça o próprio limite de nosso entendimento do outro. Esse reconhecimento é o ponto de partida para a compreensão e a abertura à alteridade. (HERMANN, 2010, p.136).

Logo, o mesmo ponto de partida em busca da definição das interfaces entre professor e artista, se expande para o seu campo de manejo. Manter o corpo em primeiro plano é subverter o regime disciplinar que fundamenta as estruturas ocidentais de poder desde os seus surgimentos na sociedade moderna. Quando hooks (2013, p. 25),



através da pedagogia engajada^{vii}, convida aos professores a abraçarem o desafio de se autoatualizarem, nos evoca a importância de uma professora que tenha como compromisso o aprimoramento pessoal e com isso um compromisso ético com a vida. Assim, há a necessidade de existir o comprometimento de serem pessoas que saibam viver em sociedade, ter diariamente o intuito de buscarmos uma autocura dentro da integridade de ser e as instâncias que participamos em nível social, espiritual, intelectual e educacional.

Através da interconexão entre linguagem e realidade social, destaca-se a linguagem não apenas como um meio de comunicação, mas como um poderoso instrumento de construção, transformação e percepção da realidade. Palavras carregam os sentidos históricos, culturais e ideológicos que as formaram, nos desafiando a reconhecer sua capacidade de moldar a realidade.

No contexto educacional, observamos como professores em arte são vistos não somente como transmissores do conhecimento artístico, mas como agentes do seu fazer em uma possibilidade poética (reconhecendo sua potencialidade interdisciplinar), cujo trabalho pode transcender as estruturas tradicionais de aprendizado para abraçar uma prática que é simultaneamente artística e alinhada à transformação. Em um exercício de sua autopoiesis enquanto aprende e ensina a se exercer, ser e existir no mundo por meio da performance de si.

Compararmos a categoria de professor a de xamã ilustra essa capacidade de mediar entre diferentes mundos — não apenas no sentido espiritual, mas na capacidade de conectar diferentes perspectivas culturais, epistemológicas, poéticas e estéticas, oferecendo “signos, palavras, textos, sabores que possam atravessar aqueles que os recebem” e se deixando atravessar pelo mundo.

Reimaginar o sentido artístico-docente, como proposta central, convida-nos a considerar a educação como um ato criativo e profundamente envolvente. Assim como também “uma arte que conjuga a travessia e a pausa: caminhar entre passados, presentes e porvires distintos; caminhar para os lados para viver juntos durante o ensinar [...]” (SKLIAR, 2019, p. 54), ressignificando um eixo ético e engajado em sua prática, não como um facilitador, mas um criador de outras realidades possíveis.



Referências

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. London: Oxford University Press, 1962.

BASBAUM, Ricardo Roelaw. **Manual do artista**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

HERMANN, Nadjá. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre a educação ético-estética**. Ijuí: Unijuí, 2010.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MACIOCIA, Giovanni. **Os fundamentos da medicina chinesa: um texto abrangente para acupunturistas e fitoterapeutas**. São Paulo: Roca, 1996.

MONDZAIN, Marie-José. **Homo Spectator: ver, fazer ver**. Lisboa: Orfeu Negro, 2015.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.

Notas

ⁱ É mestre pelo PPGArtes/UERJ. Integra o grupo PAVIS - Pesquisa em Arte e Visualidades vinculado ao IART/UERJ. Participou do Grupo C.Li.P.ES (Corpo, Linguagem, Política, Educação e Subjetividades), vinculado ao IHAC/UFBA. Trabalha como professora na Educação Básica e como artista visual, com ênfase em escultura, performance e vídeo. Email: ddlemos.art@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7623230051330724>. Rio de Janeiro, Brasil.

ⁱⁱ Mestrando no PPGArtes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, (UERJ). Licenciado em Artes Visuais na mesma instituição. É professor no município de Teresópolis-RJ. Sua principal atuação poética se dá numa interlocução entre performance e a linguagem do audiovisual. Passou também por experiências com produção cultural. E-mail: joaogabriel_scm@hotmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2858021292231142>. Rio de Janeiro, Brasil.

ⁱⁱⁱ É importante destacar que o pensamento maniqueísta, que lida com a dicotomia entre bem e mal, não corresponde às dimensões éticas dentro da epistemologia yorubá.

^{iv} Divindade tradicional nas linhagens étnicas yorubá, que se aproxima ao conceito de Ser Supremo; criador do universo.

^v Segundo Giovanni Maciocia, “Qi é a base de todos os fenômenos do universo e proporciona uma continuidade entre as formas material e dura e as energias tênues, rarefeitas e imateriais. Portanto, isso evita completamente o dilema que permeia a filosofia ocidental desde Platão até os tempos atuais, ou seja, a dualidade e o contraste entre materialismo e o idealismo” (MACIOCIA, 1996, p.50). Na percepção chinesa antiga do corpo-mente, o “corpo e a mente não são vistos como um mecanismo (portanto, complexo), mas como um círculo de energia e substâncias vitais interagindo uns com os outros para formar o organismo. A base de tudo é o Qi: todas as outras substâncias vitais são manifestações do Qi em vários graus de materialidade, variando do completamente material, tal como os Fluidos Corpóreos (*Jin Ye*), para o totalmente imaterial, tal como a Mente (*Shen*)” (MACIOCIA, 1996, p.49).



^{vi} É o maior nível de organização ecológica e se constitui pelo conjunto de todos os ecossistemas da Terra. É definida por uma percepção holística do planeta que considera os processos e as relações entre os seres vivos (biota) e os componentes, físicos, químicos, climáticos, geológicos, etc.

^{vii} Pedagogia engajada é um termo que provém do “Budismo Engajado”, iniciativa proposta pelo monge zen budista vietnamita Thich Nhat Hahn, onde divulgou para o ocidente o método de meditação chamado “atenção plena” (mindfulness).